

Comunicação oral

Territórios juvenis – o rural e o urbano

ESCOLA PRA QUÊ? EDUCAÇÃO ESCOLAR NA VISÃO DE JOVENS CORTADORES DE CANA

Priscila Teixeira da Silva - UNEB

Domingos Rodrigues da Trindade – Orientador / UNEB

Este trabalho relata sobre uma pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia na UNEB campus XII, que teve como propósito analisar os valores atribuídos à educação escolar por jovens cortadores de cana de Mutãs, distrito de Guanambi, Bahia. É certo que após universalização da educação escolar no Brasil, essa vem assumindo cada vez mais um papel de destaque nas sociedades, contudo, se hoje o problema do acesso à escola tem diminuído, não se pode dizer o mesmo da permanência dos alunos nela. Uma realidade de repetência e abandono acompanha grande parte dos estudantes brasileiros, sobretudo, aqueles sujeitos que vivem no meio rural, onde os índices relacionados à educação, quando comparados aos de áreas urbanas apresentam grandes desvantagens. Diante de uma forte realidade de abandono escolar e migração, para trabalhar no corte de cana, dos jovens da comunidade de Mutãs nos propomos a investigar qual a visão da educação escolar para esses jovens e o que os motivou a abandonar os estudos e irem trabalhar nos canaviais. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo fundamentada nos princípios do estudo de caso centrado numa abordagem qualitativa, na qual foram utilizados para coleta de dados um formulário, a entrevista individual e o grupo focal. Participaram deste estudo dez jovens com idade entre dezenove e vinte e sete anos, todos moradores do distrito citado. A compreensão a qual chegamos foi que esses jovens perpetuam o discurso hegemônico da importância da educação para garantia de direitos e de uma vida melhor, mas quando relacionada à suas vidas ela aparece como algo distante ou atrelada à desconstrução da identidade camponesa. Mesmo todos não tendo concluído a educação básica, cinco deles afirmam que só voltam a estudar caso isso se faça preciso e este precisar está relacionado ao propósito de um trabalho na cidade; quatro deles não querem retomar os estudos, pois alegam que a escola não é para eles, mas trazem para si a responsabilidade do insucesso escolar atribuindo isso à ideia de falta de “dons naturais”; e o único jovem que pretende continuar estudando o faz a fim de sair do campo. Deste modo, nenhum deles relaciona a educação como meio para melhoria das condições de vida no campo. Assim, recorrem ao trabalho no corte de cana como o meio mais rápido para aquisição de bens materiais que lhes proporcionem um certo *status* social. Isso certamente tem influências da educação baseada em princípios urbanocêntricos a qual os povos do campo veem vivenciando ao longo da história. Uma educação que ridiculariza ou não reconhece a cultura desses sujeitos, seus anseios, seus conhecimentos. Mas também não é plausível afirmar que só a educação contextualizada irá garantir a possibilidade de

permanência dos jovens no campo. Para além disso, está a emergência de Políticas Públicas articuladas e voltadas para estes sujeitos reconhecendo-os como atores que podem contribuir para o desenvolvimento do campo brasileiro.

Palavras-chave: Educação escolar. Jovens cortadores de cana. Campo.